Editorial ESTAMPA, LDA.
Rua Escola do Exército, 9, r/c- Dto.
Tel.: 355 56 63 - Fax: 314 19 11 - 1150 LISBOA E-Mail-espampa@maIl.telepac.pt

MITOS e LENDAS CHINESAS

CONTADAS POR PHILIP ARDAGH

ILUSTRADAS POR MICHAELFiSHER

MITO ou LENDA?

CONTOS DA CHINA

A RAPARIGA E O RAPAZ DA CABAÇA

O ARQUEIRO E OS SóIS

A PRINCESA E O CÃO

A VIAGEM AO MUNDO INFERIOR

A ESTRADA DE ARROZ

O FEIOSO

As AVENTURAS DE MACACO

ÍNDICE REMISSIVO

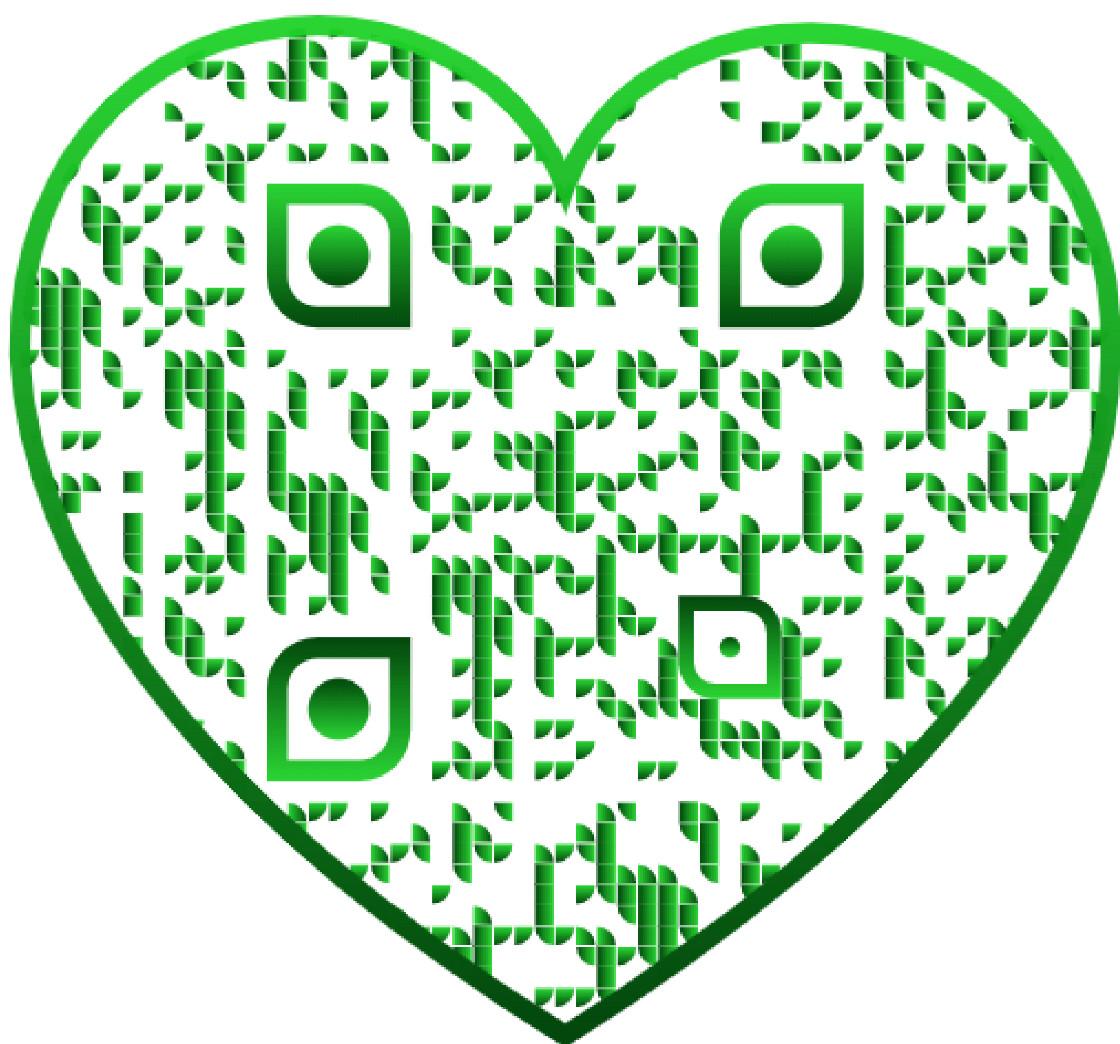
EDITORIAL ESTAMPA

MITO ou LENDA?

Muito antes de as pessoas saberem ler ou escrever, as histórias eram traduzidas oralmente. De cada vez que eram contadas, mudavam um pouco, acrescentando-se uma nova personagem aqui e uma mudança na traMA acolá.

Os mitos e as lendas nasceram dessas histórias em constante mutação.

O QUE É UM MITO? Um mito é uma história tradicional que não se



baseia em algo que realmente aconteceu e fala, normalmente, de seres sobrenaturais.

Os mitos
são inventados, mas ajudam a explicar os
costumes locais ou os fenómenos naturais.
O QUE É UMA LENDA? A lenda assemelha-se muito ao mito. A diferença está no facto de a lenda poder basear-se num
acontecimento que realmente ocorreu ou numa
pessoa que realmente existiu,
o que não significa que a história não tenha mudado ao longo dos anos.

Quem são os chineses?

hoje em dia, os povos chineses constituem
um quarto da população mundial. Há mais
gente a falar mandarim do que qualquer outra língua, mas são muitos os diferentes povos e grupos étnicos chineses, cada um
deles com as suas próprias culturas e tradições.

Povos ANTIGOS

Há já 500 000 anos que o território ocupado pela actual China era habitado, mas o primeiro estado chinês digno desse nome não apareceu senão em
1650 a. C., mais de um milénio após o nascimento
da civilização no antigo Egipto. Este estado desenvolveu-se ao longo dos vales férteis do rio Amarelo ou Huang He.

UM PAÍS ISOLADO

A China é um vasto país com uma extensão total
de 9 572 900 kM2 . No passado esteve praticamente separado do resto do mundo, ficando as populações chinesas retidas no seu interior pelas mesmas razões
que os estranhos lá não entravam: o mar, a leste, e
as montanhas e estepes, a norte, sul e oeste.
o SEGREDO DA SEDA
Apesar de estar tão isolada, a China deve desde cedo ter tido comércio com outros países. Por volta de
1200 a. C. já os povos chineses produziam tecido de seda, mas o bicho-da-seda é originário da índia e não
da China. Os mercadores devem ter trazido alguns ovos da índia, tendo então os Chineses aprendido a fabricar fio de seda a partir dos casulos.

CONTOS DA CHINA
Os mitos e lendas chinesas resultam da combinação das velhas crenças e das histórias das três principais religiões
deste país: o confucianismo, o tauismo e o budismo.
A CHINA COMUNISTA Actualmente, a China é um país comunista. Isso quer dizer que toda a terra e todos os bens são
pertença do Estado em vez de serem propriedade dos indivíduos. A religião não tem

qualquer relevância para o comunismo, mas ainda assim
muitos chineses consideram-na importante-

VELHAS CRENÇAS A primitiva religião chinesa abrangia a crença na
vida após a morte, a veneração dos antepassados e a
natureza divina dos primeiros doze imperadores. Criou-se assim todo um período lendário da história chinesa, tendo um homem chamado Yu sido o primeiro governante humano. Os historiadores e os
arqueólogos ainda hoje tentam apurar se muito do que se conta acerca deste período é verdade.

CONFUCIANISMO

O confucianismo é mais um modo de vida (uma filosofia) do que uma religião. Trata-se de uma
crença que atribui importância à paz e harmonia
e que se baseia nos ensinamentos de Confilcio (551-479 a. C.), cujo nome chinês era Konfuzio. Ensinava princípios de bem governar, e os seus
seguidores (os chamados confucianistas) tomavam-se administradores exímios e poderosos.

A OBRA DE CONFúCIO

Os ensinamentos de Confúcio incluíam histórias
das vidas dos primeiros deuses. Foram construídos templos em sua honra e houve
quem quisesse proclamá-lo deus. Crê-se que Confucio tenha escrito um grande número de livros, entre os quais o I Ching (Livro das Mutações). Infelizmente, boa parte da sua obra foi destruída em 213 a. C., na sequência de uma
ordem nesse sentido pronunciada pelo primeiro imperador da China.

TAUISMO

A influência de Confúcio levava as pessoas a pensar acerca da vida e dos modos de
vida. Mais tarde, os pensadores desenvolveram a ideia da «unidade» de
todas as coisas: se tudo estava de algum modo ligado, deveria ser possível encontrar uma maneira de conseguir a harmonia perfeita no Universo. Tau é uma palavra chinesa que quer dizer «caminho». Um livro chamado Tão Te-King, que significa «o caminho e o poder», é o centro de toda
a crença tauista. Diz-se ter sido escrito por um homem chamado Laozi, que mais tarde passou a ser venerado como uma figura divina, central para o tauismo.

"I~NI1,---

BUDISMO
O budismo teve a sua origem na índia mas chegou à China cerca de duzentos anos antes de Cristo, tendo-se tornado uma das três grandes religiões da China. O fundador do budismo foi o próprio Buda, nascido cerca de 560 a. C. 0 seu nome era
Gautama Shakyamuni e chamavam-lhe Fo em chinês. Àqueles que obedecessem às suas rigorosas leis e que abandonassem os prazeres mundanos, o Buda prometia que deixariam para trás o mundo
da vida e da morte e que teriam acesso a um estado
de felicidade suprema chamado nirvana.
NOTA Do AUTOR
Os mitos e as lendas são narrados de modos
muito diferentes de cultura para cultura.
O objectivo deste livro é contar novas versões
dessas histórias antigas e não apenas reproduzir o
modo como tradicionalmente elas poderão ter sido contadas. As ilustrações que acompanham os
contos não são relativas a nenhum período histórico em particular; pretendem apenas dar uma ideia de como seria a vida na antiga China.
Espero que estas histórias vos agradem e que o livro vos leve a querer saber mais acerca da China, dos seus povos, da sua história e dos seus
mitos e lendas.
Esta estatueta de madeira é apenas um pequeno exemplo do estilo fascinante da arte chinesa. Representa um dos Oito Imortais, um grupo de antigos heróis chineses.

A RAPARIGA
E o RAPAZ DA CABAÇA
Este é o velho mito de Nu Wa e Fu Xi. Fala da tontice do pai destes, de um irreflectido acto de
bondade e da destruição da humanidade. É também um conto acerca da esperança e do recomeço.
nUm belo dia estava um camponês no campo quando ouviu o ribombar de um trovão.
Estou farto de ti, deus dos trovões! - gritou ele. - Sei perfeitamente que envias trovões e chuva apenas para me aborrecer. E amaldiçoou o deus. - Apanha-me se fores capaz! - desafiou. Estou pronto para te receber!
o camponês pendurou então uma grande gaiola de ferro na parte de fora de sua casa.
- Deixem-se ficar aí dentro até que eu vos diga para saírem - ordenou ele ao filho e à filha. - Vai haver aqui um confronto muito sério.
o deus dos trovões ouvira o campones a praguejar e ficara bastante
zangado com ele, de modo que, com um poderoso trovão e um relâmpago com um brilhante clarão, apareceu por sobre a casa do camponês.
- Vem cá abaixo e enfrenta-me, seu cobarde! - berrou o

furioso camponês. - Não te escondas aí atrás das nuvens.
E o deus dos trovões lançou-se então do céu aos trambolhões, empunhando um enorme machado de guerra. o camponês mais não tinha do que a forquilha de ferro com que trabalhava no campo, mas ainda assim encontrava-se numa situação de vantagem. Estava habituado a ter os seus dois pés bem assentes no chão e sentia-se preparado para receber aquele deus que tremia de raiva.

Com um só movimento rápido e ágil, o camponês apanhou o deus nos dentes da forquilha, antes mesmo de este se aperceber do que estava a
acontecer, tinha já sido atirado para dentro da gaiola e a porta fora fechada. Ora aí está! - exclamou o camponês, triunfante. - Agora podes fazer barulho e enfurecer-te como quiseres que ja não me incomodas. - Não tardou que a chuva acabasse e as nuvens se dissipassem, o deus fora derrotado.
Na manhã seguinte, o camponês decidiu ir ao mercado comprar verduras. Acho que vou deixar o deus dos trovões ali a secar para depois o exibir
a toda a gente - disse ele ao filho e à filha. - Mantenham-se bem longe da gaiola e não lhe dirijam a palavra, diga ele o que disser para vos assustar. Mais inPortante ainda - acrescentou ele, com uma expressão austera -, não
deverão dar-lhe de beber.
Dito isto, lá partiu para o mercado, todo orgulhoso do seu feito.
A uma distância segura, o filho e a filha do camponês observaram o deus preso na gaiola. Atrás das grades tinha um aspecto bastante inofensivo, para além de parecer triste e desalentado.

Ao longo de todo o dia
O Sol brilhou, até
Que as crianças sentiram sede
E lá foram beber água. O deus dos trovoes reparou numa gota que escorria pelo queixo da rapariga.
- Por favor, dêem-me um pouco de água - pediu. A sua voz soou fraca e em tom de lamúria, nada que se parecesse com os urros troantes do dia anterior. - Por favor.
- - Não temos autorização para falar contigo - respondeu a rapariga.
- E muito menos ainda podemos dar-te água - acrescentou o rapaz.
- Mas tenho a certeza que o vosso pai não sabia que hoje ia estar assim tão
quente - insistiu o deus dos trovões. - Num dia quente

como este, todos deviam ter direito a um pequeno gole de água, sejam deuses ou humanos.
o nosso pai proibiu-nos - continuou ela.

Para o vosso próprio bem, presumo - disse o deus dos trovões, agarrando-se às grades. - Ele devia ter medo que eu tentasse agarrar um de vós se me dessem de beber.

- Precisamente - confirmou o rapaz.
- - Mas... e se eu vos desse a minha palavra de honra que não ousarei sequer tocar-vos? - propôs o deus dos trovões. - Está tão quente e tenho tanta sede, aqui enclausurado nesta gaiola de ferro... Afinal de contas sou um deus, honrarei a minha palavra.

A filha do camponês olhou para ele, preso na gaiola de ferro e sob o sol impiedoso. Não tinha qualquer maneira de se refugiar na sombra.
- Com certeza uns goles de água não farão mal... - disse para o irmão.
- Se ele deu a sua palavra de honra que não nos tocaria... - respondeu ele. E foi assim que as duas crianças desobedeceram às ordens do pai e deram
de beber ao deus. Aquilo que não sabiam, e que o pai não tivera o cuidado de lhes dizer, era que toda a força e poder do deus dos trovões provinha da água. Mal a primeira gota lhe passou pelos lábios, aumentou logo de tamanho e libertou-se da gaiola de ferro como se fosse feita de cartão.
As crianças recuaram, aterrorizadas, ao verem o que tinham feito.
- Nada temam - tranquilizou-as o deus dos trovões. - Disse que não vos faria mal. Aqui têm, pela bondade que demonstraram. - Arrancou um dente da sua boca e atirou-o para junto deles. - A partir de hoje, pequena irmã, chamar~te-ás Nu Wa, e tu, pequeno irmão, serás Fu Xi. Agora plantem este dente e usem os frutos que ele gerar com sensatez.
Dito isto, voltou para os céus. Nu Wa olhou para o irmão.
- Que fomos nós fazer? - lamentou-se ela. - Que dirá o nosso pai quando regressar e vir que o deus dos trovões desapareceu?
- Se plantarmos o dente mágico, talvez nasça daí qualquer coisa que possa agradar ao pai quando ele regressar - sugeriu Fu Xi.
Plantaram o dente e, em menos de nada, irrompeu uma planta do chão carregada com uma só cabaça, que crescia e se tornava cada vez maior.
- Não admira que nos tenha chamado Nu Wa e Fu X1 - comentou a irmã; estes nomes querem dizer precisamente «rapariga da cabaça» e «rapaz da cabaça». - Mas de que nos serve esta

cabaça gigantesca? - Continuaram a observar a cabaça, que não parava de crescer.
Nesse momento voltou a chover e, quando o pai chegou do mercado com as verduras, havia já grandes poças em redor da casa.
- Têm consciência do que fizeram, não têm? - perguntou o pai.
-

O deus dos trovões voltou para o céu e, para se vingar, irá inundar a terra! Por causa de vocês, vamos morrer todos afogados!
O camponês estava a ser bastante injusto, sobretudo porque tinha sido ele próprio, e não as crianças, quem tinha começado por prender o deus dos trovões naquela gaiola, irritando-o. E as águas lá começaram a subir.
- Terei de construir um barco para nós - anunciou o pai. - Enfrentei o deus dos trovões com uma forquilha de ferro, encerrei-o numa gaiola de ferro. Por isso, será num barco de ferro que me irei proteger dele. - Lançou mãos ao trabalho e os filhos ouviam mais o ferro a ser batido do que o som da chuva a cair.
O barco de ferro não tardou a ficar pronto, mas as crianças não quiseram entrar a bordo. Nu Wa e Fu Xi lembraram-se do que o deus havia dito acerca do dente mágico: «Usem os frutos que ele gerar com sensatez. » Não lhes tinha ele chamado rapariga e rapaz da cabaça? Por que razão era a cabaça gigante tão importante? Para retirarem o seu interior e usar a casca a servir de barco!
Assim, e apesar dos protestos do pai quando subiu para o seu próprio barco, as crianças entraram na cabaça gigante... e as águas desataram a subir, a subir, até que chegaram perto das portas do céu.
jamais um humano lograra aproximar-se das portas do céu; por isso, quando o camponês nelas bateu com a força dos seus punhos e pediu ajuda, o senhor do céu foi apanhado de surpresa.
- Que barulho terrível é este? - perguntou.
O deus das águas, não tão importante como os anteriores, explicou:
- O deus dos trovões foi preso por um humano. Por isso, e para se vingar, mandou-me inundar a terra.
- Pouco falta para que a tua água comece também a inundar os céus acrescentou o senhor do céu, num tom irado. - Faz baixar as águas!
- Sim, senhor - respondeu o deus das águas. E apressou-se tanto a cumprir as ordens que o nível das águas desceu demasiado depressa. De um momento para o outro, a água que

sustentava o barco de ferro e a cabaça desapareceu por completo.

Ambos se precipitaram a grande velocidade de volta à terra. O barco de ferro fez um grande estrondo ao embater no chão, tendo o camponês morrido instantaneamente. Felizmente para a rapariga da cabaça, Nu Wa, e para o rapaz, Fu Xi, a aterragem deles foi mais suave. A cabaça gigante embateu contra o chão e balouçou ainda umas quantas vezes, após o que as duas crianças pisaram o solo húmido, nada mais apresentando para além de alguns arranhões. Foram eles as duas únicas pessoas que sobreviveram à face da terra.
Depois de adulta, Nu Wa deu à luz uma bola de carne. Ela e FuXi levaram-na por umaa escada acima, uma escada que vinha do céu, e a certa altura cortaram a bola em pedaços pequenos. Espalharam-nos ao vento, e cada pedaço que atingia a terra transformava-se num ser humano. Nu Wa e Fu Xi passaram a ser considerados deuses.

O ARQUEIRO EOs SOIS
De acordo com alguns dos mitos chineses mais antigos, cada uma das coisas vivas concorre para a unidade do
Universo e é formada por três elementos: o yin, o yang e o chi. As coisas são sustentadas pelo yín, movidas pelo yang e mantêm-se unidas pela energia do chí.
in é feminino. É a Lua. É a água. É o frio. É o Outono e o Y Inverno. É a sombra,
Yang é masculino. É o Sol. É a terra seca. É o calor. É a Primavera e o Verão. É a luminosidade.
O yin está em conflito com o yang, e o yang em conflito com o yin. Travam um conflito equilibrado e cada um deles pretende assumir o controlo. Esse confronto é contínuo e o equilíbrio natural é assim mantido. Por vezes, esse equilíbrio é perturbado e é necessário um herói para devolver tudo à normalidade. o Arqueiro, era um desses heróis.
Para lá do horizonte dos mares orientais, numa Primavera bem quente, havia uma gigantesca amoreira que chegava até aos céus. Chamavam-lhe Fu Sang e nela habitavam os dez filhos de Di jun, deus do céu do Oriente, bem como a deusa sua noiva, de seu nome Xi He. Os seus filhos eram sóis e revezavam-se na tarefa de percorrer o céu, trazendo calor e vida à terra lá em baixo. Todas as manhãs calhava a vez
a um sol diferente de fazer o seu percurso. Enquanto este atravessava o céu, os seus nove irmãos tinham de ficar nos ramos de Fu Sang.

Xi He tinha decidido que nunca deveria estar mais do que um dos seus filhos no céu ao mesmo tempo. E assim foi durante um milhar de anos.
Mas os sóis cansaram-se daquela rotina, que se repetia dia após dia. Apetecia-lhes fazer algo diferente.
- A única ocasião em que podemos brincar juntos é aqui na árvore disse um deles.
- Não acham que seria divertido corrermos uns atrás dos outros através do céu? - propôs outro.
- Porque não fazemos isso? - sugeriu um terceiro.
- Não podemos - avisou o quarto.
- Porquê? - indagou o quinto.
- Porque a nossa mãe nos proibiu - respondeu o sexto.
- Mas por que razão ela o proibiu? - questionou o sétimo.
- Tenho a certeza que os humanos o apreciariam - alvitrou o oitavo.
- Fornecemos-lhes calor e claridade e fazemos crescer as suas culturas -
acrescentou o nono,
- Vamos então sair todos juntos amanhã de manhã! - propôs o décimo, pois era de noite e estavam todos os dez reunidos nos ramos de Fu Sang.
Na manhã seguinte, antes mesmo de Xi He chegar no seu carro, os dez sóis saltaram da árvore e andaram numa correria pelo céu, atrás uns dos outros, a rir e a brincar.
Lá em baixo, na terra, as pessoas ficaram radiantes.
- Mas que belo dia! - exclamaram. - Que visão esplendorosa. Temos sorte por poder contemplar dez sóis e não apenas um.
Não tardou, porém, que a alegria se transformasse em horror e medo. Dez sóis no céu implicava dez vezes mais claridade e dez vezes mais calor. As colheitas secaram e murcharam, completamente queimadas. As pessoas ficaram cegas devido à claridade. Os lagos e os rios evaporaram-se e as rochas começaram a derreter por acção daquele calor insuportável. Os animais selvagens saíram das florestas secas e queimadas em busca de alimento e de água, passando a atacar as pessoas. Monstros terniveis apareceram a assolar a

terra. A situação tornou-se desesperante, mas os dez sóis irmãos lá continuavam a brincar através dos céus.
Di Jun e Xi He viram o mal que os seus filhos estavam a causar aos humanos e pediram-lhes que voltassem à majestosa amoreira. Estes recusaram-se, pois pela primeira vez tinham saboreado a liberdade e estavam a adorar.
Um imperador chamado Yao dirigiu as suas orações ao deus e à deusa em busca de ajuda. O imperador Yao não era um imperador como os demais. Não vivia num palácio com centenas de

criados, não se banqueteava com comidas exóticas nem vestia apenas roupas de seda. Achava preferível viver junto dos seus súbditos. A sua casa era uma simples cabana de camponês, as suas roupas eram perfeitamente comuns e comia o mesmo que o seu povo, isto é, comida preparada com o que havia na região. Era um homem humilde e um excelente govenante; por isso, Dijun decidiu ajudá-lo.

O deus enviou Y1, o Arqueiro, ao imperador Yao; levava consigo dez setas brancas na sua aljava, uma para cada um dos sóis. O imperador ficou muito satisfeito com a chegada de Yi. O arqueiro trouxe consigo a sua mulher, Heng E (também conhecida por Chang E), e o imperador recebeu ambos muito bem.

pegou no seu arco vermelho, colocou nele a primeira seta branca, fez pontaria e disparou-a, acertando em cheio no centro de um dos sóis. Deu-se uma enorme explosão, voaram chispas e fagulhas e o sol desapareceu. Algo velo cair violentamente no chão, ali perto. Aqueles que se aventuraram a sair de casa com aquele calor acorreram rapidamente ao local onde a tal coisa tinha caído. Era um corvo com três patas cUjo coração fora trespassado pela seta de Yi. Tratava-se do espírito do sol.

colocou nova seta no arco, depois uma terceira, depois uma quarta. De cada vez que atirava a seta, eliminava um sol e um corvo de três patas estatelava-se no chão, ao passo que o céu se tornava menos claro e a temperatura descia. Um após outro, Yi foi eliminando os sóis rebeldes.

o imperador Yao olhou então para a aljava de Yi. De inicio, comportara dez setas, mas, agora que o arqueiro tinha já acertado em oito dos sóis, apenas restavam duas. Duas setas para dois sóis. Que aconteceria se Yi, o Arqueiro, usasse ambas as setas? Não haveria mais nenhum sol, não haveria luz do dia. Nem calor, nem uma fonte de energia para fazer crescer as colheitas.

O imperador subtraiu uma seta da aljava e assim, quando o espírito do nono sol caiu no chão sob a forma de um corvo, Yi julgou que esgotara as setas e que a sua tarefa estava cumprida. Apenas um sol brilhava no céu, tal como deve ser.

- Em nome de todo o meu povo, agradeço-te - disse o imperador, após o que expressou também a gratidão a Di Jun e Xi He.

Mas Di Jun, deus do leste e senhor do céu, não estava tão satisfeito com Yi.

- Fizeste tal como te pedi, Yi - declarou -, não o posso negar, mas não consigo suportar continuar a ver-te lá em cima no céu. De cada vez que olhar para ti lembrar-me-ei dos meus

filhos mortos. Tu e a tua mulher, Heng E, deverão deixar o ceu para todo o sempre.
Heng E achou muito injusto ter de ser banida para ir viver junto dos humanos. Afinal de contas fora o marido que atirara as setas e não ela. Reparou que ele parecia um pouco mudado, sendo óbvio que andava a guardar segredos e a esconder coisas dela.
Yi tinha ido ao monte Kurilun visitar a rainha mãe do Oeste. Em apenas dezasseis dias, havia-lhe construído o mais esplêndido palácio à face da terra, com paredes feitas de jade muito bem polido, com madeiras docemente perfumadas e com um telhado todo de vidro. Aquilo que Heng E não sabia era que o marido recebera em troca uma Pílula da Imortalidade, uma daquelas que os deuses tomam para viver eternamente.
A rainha mãe do Oeste, ela própria uma deusa, tinha dado a Yi instruçoes precisas quanto ao uso dessa pílula. Deveria ser partilhada, pois era demasiado potente para uma só pessoa, e tomada apenas depois de o corpo estar devidamente preparado para o efeito. Ao regressar a casa, Yi escondeu
a pílula, embrulhando-a num lenço de seda, numa das vigas do tecto. Um belo dia, quando Yi estava ausente, Heng E estranhou um brilho incomum, quase magico, proveniente do tecto, Subiu para uma das vigas e descobriu aí a Pílula da Imortalidade. A sua magia parecia ser de tal modo poderosa que chegava mesmo a brilhar através do lenço que a envolvia.
Estava já Heng E a tocar na pílula com a ponta da língua, para lhe provar o sabor, quando Yi entrou em casa. Alguns dizem que Heng E engoliu

deliberadamente a pílula, ao passo que outros sustentam que ficou tão surpreendida com o regresso do marido que a engoliu sem querer.
Assim, a pílula que devia ser tomada por duas pessoas após cuidadoso planeamento acabara de ser engolida por Heng E sem qualquer preparação!
O resultado foi imediato. Heng E começou a flutuar no ar, saiu pela porta da rua, que estava aberta, e nenhum dos dois pôde fazer fosse o que fosse para o evitar. Ela não possuía já qualquer domínio sobre o seu proprio corpo.
Flutuava e subia, subia, subia... até que chegou à Lua. Aí ficou e por lá ainda hoje se encontra, tendo uma lebre por companheira. A lebre não se cansa de esmagar minerais e ervas com um gigantesco pilão e um almofariz.
YÍ, entretanto, construiu para si um palácio no sol que restou, para poder estar no céu junto à sua mulher amada. É nas noites em que a Lua brilha com maior intensidade que ele a vai visitar.

Assim, Heng E, a deusa da lua, confere a esta o seu yin, o seu lado feminino. A sua frieza. A sua calma. Yi confere ao Sol o seu yang,
o seu lado masculino. O seu calor e o seu fogo. juntos, equilibram-se e formam a noite e o dia.

Cada ano chinês é dedicado a um de doze animais, desde o macaco ao rato. Esta lenda, baseada num antigo mito confuciano, explica por que razão o Ano do Cão se chama assim.
viveu em tempos um jovem chamado Wu que estava enamorado de uma princesa. Não podia fazer nada para remediar a situação, pois ela era tão bela que ele não conseguia sequer afastar os olhos. Para sorte de Wu, o sentimento era correspondido, mas, para seu azar, a sua posição social não era tal que lhe permitisse que o pai da princesa, o imperador, os deixasse casar, pelo que o seu amor tinha de ser mantido em segredo. Um dia, o imperador reparou em Wu a fitar a sua filha com um olhar que transbordava de amor e anseio, e o velho homem ficou furioso.
- Como te atreves a olhar a princesa dessa maneira? - bramiu. Deixarás este palácio e nunca mais cá voltarás. Deves agradecer-me por não mandar já cortar-te a cabeça,
A princesa quis dizer algo em defesa de Wu, quis revelar ao pai o amor por Wu, mas sabia que isso só pioraria as coisas; decidiu permanecer calada. Assim, Wu abandonou a corte do imperador com o coração destroçado e, sem
dinheiro nem bens próprios, dingiu-se para as montanhas. Levava uma vida miserável, não tardando que outros inadaptados e proscritos, que tinham ouvido falar da sua triste história, a ele se juntassem e com ele fossem viver. Tornaram-se bandidos, sendo Wu o chefe da quadrilha. Sem terras para cultivar arroz e sem dinheiro para o comprar, uma vida de crime era a única solução. Os salteadores de Wu passaram a aterrorizar as populações que viviam no sopé daquelas montanhas, saqueando quintas e aldeias e roubando os viajantes que se aventuravam nas estradas.

Não tardou que chegassem notícias dessas actividades aos ouvidos do imperador, que logo ordenou ao seu exército que pusesse cobro à situação. Wu e os seus bandidos, porém, conheciam as montanhas melhor do que mnguem e desapareciam por detrás das rochas, desciam pelos barrancos e escondiam-se em grutas cUjas entradas estavam tapadas por ramagem. Corriam rumores de que Wu e os seus homens conseguiam transformar-se numa espécie de névoa e ser levados pela brisa ao primeiro sinal de problema. Tudo isto contribuía para

deixar o imperador ainda mais furioso.
- Faça saber que quem me trouxer a cabeça de Wu receberá não só terras em cujaa extensão vive um total de dez mil famílias, mas também a mão da minha bela filha, a princesa, em casamento - anunciou ele ao comandante das suas tropas.
Este anúncio rapidamente se tomou conhecido em todo o seu imperio. Entretanto, a princesa permanecia no seu quarto, tendo-se recusado a comer e a beber durante três dias, e não falava com ninguém. Adquiriu assim um aspecto adoentado e pálido.
- O que se passa contigo, filha? - perguntou o pai, sentado à beira da cama-. Claro está que ele não sabia do amor que a sua filha sentia pelo homem que ele
queria ver morto.
Ela nada proferiu, mantendo apenas uma expressão distante nos seus belos olhos.

Uma semana mais tarde, estava o imperador sentado no seu pagode com a princesa a seus pés, irrompeu por ali dentro um criado com novidades extraordinárias.
- Meu amo e senhor - disse -, vinde depressa às portas do vosso palácio, pois há algo que folgareis em ver.
Intrigado o imperador atravessou o jardim em direcção ao pátio, a filha seguindo-o apressadamente, alguns passos atrás. Aí, em frente ao portão aberto, encontrava-se um cão enorme, cujo pêlo ostentava todas as cores do arco-íris.
o imperador estava boquiaberto de espanto e profundamente feliz. Não eram as cores do cão que lhe agradavam, nem os dentes enormes ou a sua língua pendente. O que o deixava feliz era a visão daquilo que se encontrava pendurado nos tufos de pêlos abaixo da boca salivante do arumal: a cabeça degolada de Wu.

o imperador ordenou que a cabeça de Wu fosse espetada no pau de bandeira mais alto do seu palácio, para servir de aviso a todos aqueles que ousassem olhar para a sua filha ou realizar ataques contra o seu povo.
- Ofereçam a este cão as mais deliciosas comidas - ordenou o imperador.
- Dêem-lhe banho e escovem o seu pêlo até que as cores do arco-íris reluzam no seu maior esplendor...
- O que estás a fazer, pai? - interrompeu a princesa.
- Ora essa, recompenso o animal pelo excelente trabalho - respondeu ele.
- Mas não anunciaste que fosse quem fosse que te trouxesse a cabeça de Wu deveria receber terras onde habitam dez mil famílias?

- Sim - concordou o imperador -, mas de que servem as terras a este amímal?
- Não podes voltar com a palavra atrás, pai! - lembrou-lhe a filha.
- Tens razão, claro - concordou o imperador. Aclarou a garganta e anunciou o seguinte a todos aqueles que se encontravam presentes no palácio:
- Tal como prometido, vou então recompensar este cão por me trazer a
cabeça de Wu, entregando-lhe terras em cuja extensão vivem dez mil famílias. Fizeram-se ouvir expressoes de surpresa e murmúrios por parte dos cortesãos.
- Não estás a esquecer-te de nada? - sussurrou a princesa ao ouvido do
velho homem. - Tens de casar-me com aquele animal...
- Não - gritou o imperador.
- Sim - insistiu a princesa. - De que serve um imperador se faltar à sua palavra?
- Muito bem - anuiu finalmente o imperador. - Mas será um casamento apenas no papel. Não espero que te sintas obrigada a viver com esta criatura como sua mulher.
E o dia do casamento chegou. A princesa vestiu-se com a suas melhores roupas e os votos foram trocados. No final da cerimonia, o cão, a quem a princesa chamara Ban Hu, pegou cuidadosamente nela entre os seus dentes
e arremessou-a para cima das suas costas. Antes que alguém se apercebesse do que estava a acontecer, ou tivesse sequer tempo para o evitar, o cão correu para fora do palácio com a princesa agarrada ao seu pêlo.

- Detenham-nos! - gritou o imperador. - Se aquele animal perigoso tocar num cabelo que seJa da minha filha...
Enquanto o seu amo e senhor berrava furiosamente, o comandante das tropas reuniu os seus homens e partiram em busca do enorme cão. A cabeça de Wu parecia observá-los, a sorrir, lá bem no alto.
O céu escureceu num instante, e'abateu-se sobre aquela região uma violenta tempestade, com trovões, relâmpagos e chuva tão forte que cada gota parecia quase um murro aplicado nas costas de um homem. As pegadas do enorme cão foram apagadas e os homens voltaram ao palácio de mãos a abanar.
- Perdi-a para sempre! - lamentava-se o imperador, - Deve ter sido comida por aquele cão multicolor. - Proclamou então que seriam observados doze meses de luto oficial, durante os quais todos os habitantes do imperio chorariam a perda da sua única filha, - Passará a chamar-se o Ano do Cão.
Os anos passaram. O imperador encontrava-se à beira da morte

quando pelo quarto adentro entrou a sua querida filha, a princesa. Olhando-a do seu leito de morte, o pai chorou de alegria.
-Julgava-te morta - disse ele.
- Não - respondeu a princesa. - Vivi todos estes anos com Ban Hu, para lá das montanhas. Ele morreu entretanto, mas tivemos doze filhos que têm agora um presente para dar ao avô. - Foi buscar uns pauzinhos de alcaçuz que trouxera e colocou um deles na boca do pai.
O imperador mastigou o pau e o efeito foi mágico. Os anos pareciam recuar e ele sentia-se novamente jovem. Lançou os braços em redor da filha.
- Fala-me do teu marido - pediu-lhe.
- Muito bem. - A princesa sorriu. - Acontece que o cão e Wu eram um só. Sempre amei Wu e, quando anunciaste uma recompensa pela sua captura, enviei o meu espírito para as montanhas para o procurar.
- Foi por isso que estavas tão pálida, com aquele olhar distante! exclamou o imperador, subitamente compreendendo tudo. - o teu espírito tinha partido numa viagem,

- Sim - confirmou a princesa. - Finalmente encontrei o meu amado Wu c, com a ajuda do meu espírito, ele adoptou a forma de Ban Hu, o velho deus cão. E o resto já tu sabes.
- Mas ele tinha sempre o aspecto de um cão? - indagou o imperador.
- Não - respondeu-lhe a princesa. - Por vezes ele transformava-se no Wu decapitado.
- Mas isso deve ter sido horrível de ver! - exclamou o imperador.
- Não - retorquiu a princesa. - Eu amava-o, independentemente do seu aspecto. juntos não tivemos senão momentos felizes.
- Precisamente o mesmo que estas a proporcionar-me agora, minha filha
- declarou o imperador. - Fiz um juízo errado de Wu e lamento-o. Bem-vinda a casa.
E eis a lenda do imperador, da princesa e de Wu, o cortesão de baixa condição, que conquistou a mão da amada, sendo por isso obrigado a pagar um preço avultado: a sua propria cabeça.

A VIAGEM AO MUNDO INFERIOR

Muitos chineses acreditavam que, após a morte, a alma de uma pessoa era julgada e depois colocada num novo corpo. A identidade do novo corpo dependia daquilo que cada

pessoa tinha feito no passado. Por vezes, nem tudo corria como se esperava.
ouve em tempos um monge budista que à noite não se deitava numa cama e não fechava os olhos. Enquanto os outros homens e mulheres dormiam, ele ficava sentado muito direito num caixão, acordado. Este monge parecia não precisar de dormir, e os outros cedo repararam que havia algo de especial nele.
- Realmente, ele já deve ter atingido a sabedoria - disse um dos monges.
- Os deuses devem ter na forja grandes planos para ele - concordou outro.
Quando, anos mais tarde, o monge morreu, foi deitado no caixão onde passava as noites sentado. Tinha uma expressão de grande paz interior e parecia, pela primeira vez, estar a gostar de dormir.
As pessoas vMham de longe ver o corpo daquele estranho homem santo, e em breve se tornou evidente que algo de extraordinário estava a suceder com aquele mesmo corpo.
Quando as pessoas normais morrem, os corpos começam a deteriorar-se, de modo a que as suas almas possam ir para o mundo inferior, a fim de ser julgadas. 0 corpo daquele monge não estava a deteriorar-se; por isso, quando foi para o mundo inferior, levou
consigo o seu corpo.
O mundo inferior dos Chineses consistia numa série de tribunais, onde
as almas dos mortos eram julgadas, os castigos eram aplicados e as condições da sua próxima vida determinadas. Quando uma alma chegava ao mundo inferior, era levada a um tribunal onde era pesada. Se o seu peso fosse grande - resultante da culpa pelas más acções que tivesse cometido em vida era conduzida a outro tribunal para ser julgada.
O tribunal para onde ia dependia directamente do tipo de pecados e crimes cometidos pela alma em questão. Havia tribunais específicos para cada tipo de crime, fosse este ganância, homicídio, canibalismo, mentira, tráfico de escravos, ou até a falta de veneração da própria mãe e do próprio pai. O monge budista não chegou sequer a passar por nenhum destes tribunais; apenas lhes passou ao lado.
Havia também uma grande diversidade de castigos. Algumas almas eram atiradas aos animais selvagens, outras eram Pregadas à cama, outras ainda eram lançadas para as chamas. Cada um dos tribunais enviava as suas vítimas para um inferno diferente.
O monge teve igualmente o cuidado de evitar esses sítios.
Quando os castigos estavam quase todos aplicados, as almas chegavam ao décimo e último tribunal, onde era tomada a

decisão acerca da nova vida que uma alma deveria ter quando passasse pela Roda da Transmigração. Aí tratavam de combinar as velhas almas com corpos novos, havendo o cuidado de se escolher corpos que as almas merecessem.
As boas almas, que depois de pesadas tinham sido consideradas suficientemente leves logo no primeiro tribunal do mundo inferior, eram encaminhadas directamente para a Roda da Transmigração. Reencarnavam como aristocratas. As almas que tinham sido menos boas eram enviadas para a terra no corpo de pedintes ou animais, tendo sempre uma oportunidade de melhorar da próxima vez
que morressem e renascessem.
Enquanto o monge atentava nas almas que partiam com os seus corpos novos, houve uma que o chamou mal passou os portões do mundo inferior.
- Eu lembro-me de ti! - gritou ela. - A alma da tua mãe está ainda a suportar tormentos terríveis.
O monge ficou horrorizado. Durante todo aquele tempo, calculara que a mãe tivesse renascido e estivesse a viver feliz na terra, na companhia de um novo corpo... Agora, descobria, entretanto, que a alma dela ainda ali estava, algures, a ser torturada.

Dírigiu-se apressadamente para os portões, a fim de ficar a saber algo mais, antes que a alma partisse. Fora dos portoes encontrava-se a senhora Meng, que, a cada alma que partia, distribuía uma chávena da Poção do Esquecimento, que tinha o nome de Mi Hun Tang. Depois de beberem aquela poção, as almas não se lembrariam de nada.
Era por isso que ninguém se lembrava do tempo passado no mundo inferior ou acerca das vidas passadas. Apenas recordavam a dor. Se não houvesse a memória da dor, os castigos não teriam qualquer efeito prático.
Porém, o monge chegou tarde de mais. A alma que lhe dirigira a palavra tinha já bebido a poção. Não se lembrava de nada. já não valia a pena perguntar-lhe onde vira a alma torturada da mãe do monge.
Tal como o Governo chinês à superficie da terra e os deuses acima desta, nos céus, diversos funcionários geriam o mundo inferior. Cada departamento de cada um dos tribunais tinha-os às dezenas. Uns anotavam o peso das almas, outros os pecados cometidos, outros ainda os castigos inffigidos, e uns quantos mais
avisavam quando as penas se aproximavam do fim. E por aí fora...
Tudo o que o monge sabia era que a mãe tinha sempre sido muito boa para ele. Ela fora, aliás, boa para toda a gente.

Não conseguia imaginar nada de mau que ela tivesse feito, razão por que queria que a libertassem. O úMco problema residia no facto de não saber a quem deveria dirigir-se. A que tribunal? A que funcionário? Ninguém parecia ralar-se, e não tardou que os seus pedidos se transformassem em exigências.

Como ainda tinha o corpo intacto, o falecido monge podia tornar-se muito mais incómodo do que qualquer daquelas almas normais que aguardavam julgamento. Podia andar de um lado para o outro, tentando apurar onde a sua mãe se encontrava e exigindo que ela fosse libertada,

Invariavelmente, a resposta oficial que lhe davam era a seguinte:

- Os castigos que as almas recebem referem-se a pecados passados. Esses castigos são decididos lá nos céus e executados aqui no mundo inferior. Ninguem tem o poder de impedir o seu cumprimento.

- Mas a minha mãe será uma excepção! - insistia o monge. Não ia desistir:

andava de tribunal para tribunal, batia as portas com toda a força e fazia o maior barulho possível.

- Se eles querem dificultar-me a vida, também eu dificultarei a deles declarou.

Visitou os diversos infernos e perguntou aos respectivos carcereiros se a alma da mãe não estaria lá a ser puMda. Alguns deles mandavam-no embora, outros mostravam-se mais cooperantes, sentiam pena do monge e até chamavam por ela, elevando as vozes acima dos atormentados e desesperados gemidos. Mas nem assim conseguiu encontrá-la.

A busca continuou. A mãe cuidara dele em vida; por isso, parecia-lhe mais do que 'usto tentar a1udar a alma dela depois de morta... Só precisava de a

1 3

encontrar. Em breve, todos os funcionários de todos os tribunais e cada um dos carcereiros de cada um dos mfernos conheciam o monge, passando a temer as suas visitas.

já desesperado, lembrou-se de organizar um banquete para as almas de todos os monges falecidos e presentes no mundo inferior, almas essas que aguardavam a sua atribuição a novos corpos e a passagem pela Roda da Transmigração.

Muitos deles tinham conhecido em vida aquele dedicado monge budista - era o tal que nunca dormia, que passava as noites em claro, sentado direito num caixão - e muitos sabiam também da sua busca incessante pela alma da mãe por todo o mundo inferior. Vieram em grande número e

fizeram muito barulho.
Foi um verdadeiro caos! No mundo mferior nunca se tinha ouvido... nunca se tinha visto nada assim. Os funcionários precisavam de tranquilidade para levar a cabo o seu trabalho; precisavam de paz e sossego, e disso tinham tido pouco desde que o monge começara à procura da alma da mãe.
Fora atingido o ponto de saturação. O monge tinha ganho! Os funcionários concordaram em libertar a alma da mãe mais cedo do que o previsto, nem que fosse no corpo de um cão. Ao menos assim ela poderia regressar para o mundo dos vivos, e aquela alma - ainda com corpo - deixaria de armar tamanha confusão.
Há quem diga que foi o próprio Buda que libertou a alma da mulher do mundo inferior por ter ficado impressionado com a devoção demonstrada pelo filho. Fosse qual fosse a razão, a verdade é que o monge conseguira.
- E agora eu? - Indagou o monge. - Em vIda não precisava de dormir.

Depois de morto, o meu corpo não se decompoe, e aqui no mundo inferior impus a minha vontade. O que é que me está reservado?
O monge estava certo de que iria ao tribunal e o enviariam para a Roda da Transmigração, regressando à terra como um ser superior. Enganara-se.
Os deuses tinham decidido que, uma vez que ele se sentia tão à vontade entre as almas dos mortos, deveria lá permanecer com elas. Deram-lhe o nome de Di Zang Wang, que significa «rei do ventre da terra», e nomearam-no senhor
do mundo inferior. Os muitos infernos de que tinha querido salvar a mãe tão desesperadamente faziam agora parte do seu vasto reino. Finalmente, os anos que passara sentado no caixão ganhavam algum sentido. Podemos nem sempre obter o que esperamos, mas por vezes recebemos o que merecemos..
Ao recém-nomeado Di Zang Wang foi ainda posto à disposição todo um séquito destinado a ajudá-lo nas suas novas funções.
Deste faziam parte o poderoso e impressionante Yan Wang, deus dos mortos e juiz do primeiro tribunal do mundo inferior, bem como dois demónios carcereiros, um deles com a cabeça de um boi, o outro com uma cabeça de cavalo.

A ESTRADA DE ARROZ

Este mito tauista demonstra o grande fosso existente entre os ricos e os pobres, e o modo como um magistrado

honesto foi ajudado por um dos Oito Imortais, conseguindo tornar humilde um

homem avarento.

uang Zi Lian, mercador e agricultor, era rico, muito rico mesmo, e adorava fazer alarde da sua fortuna exibindo o maior e o melhor
fosse do que fosse. Era dono de milhares de terrenos, as suas roupas eram feitas com as sedas mais caras e mais requintadas, Para além de que a sua enorme casa estava repleta de tesouros inestimávels.

Para o dia do seu aniversário, organizou o banquete mais espectacular
que os vizinhos janais tinham visto. Os preparativos estavam Jáadiantados: como a estrada de terra batida que levava a sua casa estava cheia de pedras, Kuang Zi Lian ordenou a um grupo de criados que tratasse de as retirar. Foi um trabalho bastante árduo, tendo os empregados carregado as pedras em cestos.

Quando esta tarefa ficou pronta, Kuang Zi Lian fol inspeccionar o trabalho e descobriu que onde antes havia pedras existiam agora buracos.
- Manda encher os buracos e colocar por cima uma passadeira

vermelha que vá até ao portdo de entrada, passe pelos meus jardins e leve as pessoas até A porta da frente de minha casa - ordenou ele.

- E com quê se encherão os buracos? - perguntou-lhe o secretário.
- Arroz! - respondeu Kuang Zi Lian, com um sorriso de orelha a orelha. - Mas nãoo se limitem a encher os buracos. Quero uma grossa camada de arroz sob a passadeira, de modo a que os meus convidados possam desfrutar do mais suave de todos os caminhos!

Naqueles tempos, os pobres na China nada mais comiam a não ser arroz, e os muito pobres tinham sorte se conseguissem algum. Utilizar aquele alimento deste modo era um desperdício terrível, mas Kuang Zi Lian encarava-o como uma maneira de demonstrar como era rico e importante. Qualquer pessoa podia comer arroz, mas só ele era suficientemente rico e poderoso para mandar fazer uma estrada com aqueles grãos.
Numa altura em que havia pessoas a morrer de fome, chegaram relatos deste desperdício aos ouvidos de um magistrado de uma cidade vizinha.
O seu nome era Zhao Shen Xiao e era um homem bom e honesto, mas nada conseguia fazer acerca da estrada de arroz. Kuang Zi Lian podia dispor da sua riqueza do modo que melhor lhe aprouvesse, contudo a verdade é que Zhao Shen Xiao ficara triste ao lembrar-se de todas as pessoas famintas nas cidades e nas aldeias.
Foram chegando notícias do banquete que Kuang Zi Lian preparava aos ouvidos dos pedintes locais e estes

encaminharam-se para a casa do homem, levando na mão as tigelas com que costumavam pedir. Sabiam que era arroz que estava sob a passadeira, mas não se atreviam a retirar um grão que fosse, pois sabiam que não lhes pertencia.
Não ousavam igualmente passar o portão e entrar pelos jardins, uma vez que os guardas, atentos, os observavam.
Estes últimos tinham recebido de Kuang Zi Lian instruçoes muito claras acerca do tratamento a dar a visitantes inoportunos - deveriam, muito simplesmente, ser maltratados.
No dia do banquete, porém, houve um pedinte que entrou pela casa dentro. Passou pelas legiões de criados que corriam de um lado para o outro a cuidar dos últimos preparativos. Da cozinha vinha um aroma delicioso, as tijelas de porcelana brilhavam, dispostas em diversas filas de mesas cuidadosamente envernizadas; as estátuas recebiam um derradeiro polimento
e a passadeira era varrida uma última vez.
O pedinte dirigiu-se à cozinha e estendeu a tigela.
- Poderiam arranjar-me algumas sobras? - pediu. - A minha mulher e o meu filho não comem nada há dias.

Todavia, os cozinheiros não se atreveram a dar-lhe qualquer comida, com medo que Kuang Zi Lian viesse a saber.
Nesse momento, irromperam pela cozinha dois guardas e agarraram-no e um deles
arrancou-lhe a tigela vazia das mãos, ao passo que outro o pegou pelo cachaço e o atirou pelos degraus abaixo, para o chão. o pedinte conseguiu ainda agarrar uma mão-cheia de arroz antes de se pôr de pé. TinhaO nariz a sangrar devido à queda.
O primeiro guarda prendeu-lhe o pulso e apertou-o com força.
Deixa isso - ordenou.
- O pedinte deixou escorregar os grãos de arroz por entre os dedos. , COMo poderá ao teu amo fazer falta uma mão-cheia de arroz se tem a estrada pavimentada com ele? - suplicou.
Não nos questiones! - gritou o, segundo guarda e, de acordo com as ordens do patrão, distribuíram ao pedinte uma dose de pontapés que
Servissem de lição para todos os demais.
Depois foi o banquete. Todos os ricos proprietários de terras dos arredores hegando pela estrada de arroz, ficando maravilhados com um anfitrião demasiadamente rico que podia utilizar arroz para pavimentar a estrada.
Admiraram os magníficos jardins de Kuang Zi Lian, bem como a sua casa e tesouros, após o que se sentaram para a festa.
xclamações de prazer por parte dos ricos convidados cedo se tornaram em terror: as tigelas de arroz começaram a

transformar-se em tigelas
de larvas de insectos e as massas em minhocas que se contorciam. E as próprias tigelas ficaram demasiado quentes para os convidados lhes pegar, ostentando as mãos destes bolhas dolorosas das queimaduras. E o arroz , do melhor, passou a saber a água lamacenta.
Os convidados ficaram aterrorizados, mas ninguém ficou mais do que o anfitrião.
Passa-se qualquer coisa estranha aqui! - gritou, pondo-se de pé. -
Os meus guardas relataram-me um incidente com um pedinte. Deve ter
lançado uma maldição sobre nós, mas descansem que será punido!
Kuang Zi Lian, furioso, deixou o local do banquete e ordenou aos guardas que o levassem até ao pedinte, que ainda se encontrava a sangrar no chão. Um grupo de pedintes tinha entretanto entrado nos jardins para o socorrer.
- Foste tu o autor disto! - vociferou Kuang Z1 Lian e deu um pontapé ao pobre pedinte, que inspirou uma última vez e morreu.
Alguns pedintes conseguiram reunir coragem suficiente para relatar o homicídio ao magistrado Zhao Shen Xiao, que ficou furioso e logo se fez ao caminho pela estrada de arroz, acompanhado de polícias, rumo à casa de Kuang Zi Lian.
Ao chegar, ficou surpreendido por ver que o corpo do pedinte ainda ali estava. Era de esperar que Kuang Zi Lian o tivesse mandado tirar dali para o caso de vir a haver uma investigação. Não tardou a descobrir a razão por que não fora retirado: nenhum dos criados conseguia levantar dali o cadáver; o corpo estava incrivelmente pesado.
Zhao Shen Xiao curvou-se e revistou os bolsos do pedinte, tendo apenas encontrado um pedaço de papel. Desdobrou-o, leu as poucas palavras nele escritas e voltou a dobrá-lo.
- Tragam-me Kuang Zi Lian - ordenou aos polícias que o acompanhavam. Dali a pouco o homem mais rico de toda a província estava diante de si.
- Mataste este homem - acusou Zhac, Shen Xiao, - Tenho testemunhas.
- Era um ladrão e invadiu a minha propriedade - respondeu Kuang Z1 Lian, com desdém.
- Enganas-te - acrescentou o magistrado. - Não era nem um ladrão nem um pedinte. Tratava-se de Li Xuan.
Uma expressão de horror e surpresa invadiu o rosto dos presentes. Li Xuan (por vezes chamado Tie Gual LÍ) era um dos Oito Imortais, um dos oito seres humanos extraordinários que tinham encontrado o caminho da verdade e do conhecimento

através da prática do bem. Aquele homem vestido como um pedinte, que se encontrava morto no chão, era quase um deus. Kuang Zi Lian prostrou-se de imediato aos seus pés e à mercê do magistrado.

- Não sabia... Não sabia... - lamentava-se pateticamente.
- Claro que não sabias - confirmou Zhao Shen Xiao. - Veio aqui para te submeter a um teste, que tu falhaste e que lhe custou a vida. O que me impede de mandar matar-te?
- Poupa-me! - balbuciava Kuang Z1 Lian. - Distribuirei tudo o que tenho. Tudo, a começar pela estrada de arroz. Que a comida seJa dada aos pobres! Que as minhas riquezas sejam vendidas e o dinheiro seja aplicado em beneficência!
- Muito bem! - declarou Zhac, Shen Xiao. - Se fizeres isso, poupo-te a vida, desde que passes o resto dos teus dias como varredor de estradas!
- Faço o que tiver de ser! - implorou Kuang Z1 Lian. - Muito obrigado. Zhao Shen Xiao sorriu, lembrando-se do pedaço de papel que estava no bolso de Li Xuan. Dizia assim: «Poupa a vida de Kuang Z1 Lian. Condena-o a varrer as estradas.» Depois estava assinado. Ninguém obrigara Kuang Zi Lian a alienar as suas riquezas. Fizera-o de sua livre vontade. Quando os pedintes vieram retirar o corpo de Li Xuan, este pesava como uma pena. Logo depois de o colocarem num caixão, desapareceu. É preciso muito mais do que aquilo para destruir um dos Oito Imortais. Li Xuan estava reunido com os outros sete, a contar-lhes as lições que dera naquele dia.

O FEIOSO

mUItos pensam que Kui (por vezes chamado Zhong Kui)ERA muito feio. Mas Kui era não só um notável estudioso, COmo também se tornou um deus. Havia estátuas a Kui em muitas casas, onde este era frequentemente
representado em cima de uma tartaruga-gigante.
Existem várias histórias diferentes para explicar a razão por que Kul i é representado sobre uma tartaruga. Uma delas conta como ele TEVE Origem numa família muito pobre e como os pais se sacrificaram
PARA que prosseguisse os seus estudos. Nenhum deles sabia ler ou ESCRever, mas ambos queriam o melhor para o filho. o seu sucesso HONraria toda a família.
- Um dia poderás mesmo vir a ser um funcionário público - DIZIa-lhe a mãe, não adivinhando que ele chegaria ainda muito mais longe
que isso.
Desde cedo, KuI sempre estudara até já não haver luz para ler

e, de MaNhã, logo a partir dos primeiros raios de Sol, começava o seu dia.

TInha uma verdade'ra sede de conhecimento. EstudOU, Fez os exames locais, depois os municipais, sempre com distinção, até CHEgar a vez dos exames provinciais. Saiu-se bem em todos os exames
QUE fez, mas nunca se gabou e queria sempre fazer melhor. Finalmente, ficou preparado para fazer o mais importante de todos os exames: o ime imperial.
Os outros candidatos também eram muito bons, mas Kul tinha PASsado toda a vida a preparar-se para aqueles exames, esperando por isso
boas hipóteses.

Apesar de Kui ter esperança e rezar para que tudo lhe corresse bem, tendo-se esforçado por dar o seu melhor, ninguém ficou mais surpreendido do que ele próprio ao obter as melhores classificações. Fizera os exames juntamente com os mais estudiosos e provara ser melhor do que todos.
- Como ficaste em primeiro lugar, irás, segundo a tradição, receber o teu diploma, dentro do palácio, das mãos do próprio imperador - foi-lhe dito pelos examinadores.
A família de Kul sentia-se muito orgulhosa dele. A mÃe e o pai viajaram até à Cidade Imperial para estar perto do filho naquele dia tão importante,
- Ninguém podia desejar um filho melhor - dizia a mãe de Kul, abraçando-o calorosamente. Amava muito o filho e não fazia ideia do quanto as outras pessoas o consideravam feio.
- É verdade - concordou o pai. - Eu nunca terei sequer a honra de entrar no palácio.
- E graças a vocês dois que aqui me encontro hoje - agradeceu Kui. Muitas foram as vezes que precisaram de mim para vos ajudar a trabalhar no campo e, em vez disso, deixaram-me estudar. Nunca poderei retribuir-vos isso.
-já o fizeste - respondeu o pai com um sorriso. - o teu sucesso é a nossa recompensa. Estás prestes a conhecer o imperador de toda a China. Quem sabe o que te espera depois disso?
Kui apresentou-se no palácio e foi levado para junto de uma escadaria onde deveria aguardar até ser recebido pelo imperador. Quando este apareceu, Kul curvou-se numa grande vénia. Neste gesto respeitoso, chegou mesmo a tocar com a testa no mármore frio do chão do palácio.
- Levanta-te - ordenou o imperador.
Quando Kul se levantou, os olhares de ambos cruzaram-se pela primeira vez. A imperial boca de Sua Alteza ficou aberta, num misto de espanto e horror. Recusava-se a acreditar que alguém

assim tão feio pudesse mesmo ser o melhor estudante de todo o império!
- Quer isto dizer que esta... esta... pessoa é a mais esperta de todas? - balbuciou o imperador - Deve ter havido algum engano! Afastem-no da minha vista!
Kui não teve outro remédio senão curvar-se numa vénia e sair do palácio
em sma. Que iria ele dizer à mãe e ao pai? Deveria, claro está, ter ficado revoltado pela injustiça demonstrada, mas, em vez disso, sentiu vergonha.

Aquele que deveria ter sido um dia magnifico Para ele e Para os pais acabou por se tornar um dia de rejeição e vergonha.

Kui ficou tão desanimado e desesperado que decidiu matar-se. Sem pensar sequer duas vezes, lançou-se ao mar.

Kui era bom nos exames mas não se saiu tão bem ao tentar suicidar-se. Fez um grande estardalhaço na água e aterrou em cima da cabeça de uma tartaruga que por ali ia a passar e que se chamava Ao.

Talvez os deuses já estivessem de olho nele. Ou talvez este fosse apenas um bom auspicio Para o estudioso.

Assustada, a tartaruga olhou Para cima e viu um homem que nao teria destoado entre as suas anugas tartarugas. Decidiu, pois, levar aquele estranho ser Para um local seguro, o que até se podia considerar um acto de grande generosidade, tendo em conta a valente dor de cabeça que a falta de jeito de Kui lhe havia provocado.

A tartaruga-gigante elevou-se em voo acima da água e, por não ser uma qualquer criatura marinha, continuou a subir, levando Kui cada vez mais alto. A expressão assustada na cara do estudloso fez com que o seu aspecto se tornasse ainda mais extraordinário quando chegou ao céu.

Aí, Kui tornou-se o deus dos exames. Era um dos dois deuses assistentes do deus da literatura, Wen Chang. Apesar de ser apenas assistente de Wen Chang, Kui era bem mais popular do que este. Existiam altares dedicados a Kui na maioria das casas em que um ou mais membros da familia fossem submeter-se a um exame.

Wen Chang pode ter sido um deus mais importante, e não há dúvida que era mais bonito, com o seu bigode bem aparado, mas era Kui que escolhia quais os candidatos que recebiam os melhores resultados; por isso, não admira que as pessoas lhe quisessemn agradar.

O segundo assistente de Weri Chang era outro deus cUja função era ajudar alguns estudantes que não se tinham esforçado tanto como os colegas: aqueles que não podiam ambicionar as notas mais altas, mas que de modo algum queriam chumbar. A razão por que apenas ajudava alguns é que ele próprio era um

pouco preguiçoso. Kui, pelo contrário, ajudaria todos os candidatos que o merecessem e que lhe dirigissem as suas orações.
E que foi feito de Ao, a tartaruga-gigante que salvara a vida a Kui? Não foi esquecida. Uma cabeça igual à sua foi esculpida nos degraus do palácio, e todos os candidatos que iam receber os diplomas das mãos do imperador tinham de pôr-se de pé sobre ela, após o que o imperador anunciava:
- Possas tu apenas estar de pé na cabeça de Ao.
Como deus da literatura, Wert Chang por vezes também ajudava os estudantes. Certo dia, um candidato bastante inteligente chegou a casa após um exame, convencido de que poderia ter feito melhor.
- Vou reprovar! - gemeu. - Após tantos meses, anos mesmo, de trabalho, sei bem que poderia ter feito melhor... Se ao menos conseguisse voltar a fazer aquele exame.
E dirigiu as suas orações a Weri Chang. Só que nada sucedeu e o rapaz foi deitar-se bastante deprimido. Não tardou a adormecer e foi então que o deus da literatura lhe surgiu em sonhos.
As imagens eram tão nítidas e as cores tão vivas que o deus parecia estar ali realmente... como se o rapaz não estivesse mesmo a dormir. Wen Chang abriu um fogão ali existente e começou a alimentar as chamas com as folhas do exame
1 .
daquela manhã. Entre essas folhas o rapaz distinguiu o seu propno exame. Depois de os papéis arderem completamente, Wen Chang colocou a mão no interior do fogão ejuntou as cinzas. Extraiu então destas um ensaio constituído pelas melhores partes de cada um dos exames queimados. Entregou-o ao rapaz, que o leu e, tendo-o considerado brilhante, o releu e memorizou, palavra por palavra.
Na manhã seguinte, o estudante acordou com o barulho que o seu melhor amigo fazia a bater à porta.

- O que se passa? - perguntou.
- Nem vais acreditar - respondeu o amigo.
- O quê?
- Más notícias - retorquiu o amigo.
- O quê? - insistiu o estudante, impaciente.
- Vamos ter de repetir o exame de ontem!
- Mas porquê? - perguntou o estudante, ainda confuso.
- Porque o sítio onde guardaram as folhas do exame ardeu por completo
- explicou o amigo.
O rapaz nem queria acreditar. Não eram más notícias, bem pelo contrário. As notícias não podiam ser melhores! O seu amigo

não conseguia entender por que razão ele tinha um sorriso de orelha a orelha.
Repetiram o exame e o rapaz utilizou o ensaio que Weri Chang lhe dera em sonhos. As suas preces haviam sido escutadas e ele passou com a melhor nota de sempre.
Kui, Wen Chang e o seu outro assistente vivem nos céus, na constelação da Ursa Maior. Ainda continuam a ajudar os estudantes, e a história de Kui é um bom exemplo de que, decididamente, o aspecto fisico não é tudo.

As AVENTURAS DE MACACO
Há mais de mil anos, um monge budista chinês chamado Xuan Zang (também conhecido como
Tripitaka) viajou para a índia em busca de cópias das escrituras budistas. A sua viagem tornou-se objecto de uma lenda, na qual ele terá viajado com alguém chamado Macaco. Mas quem era este misterioso ser?
avia um grande ovo de pedra aninhado numa encosta do monte HAolai, junto às margens do mar Oriental, que ali se encontrava desde que o mundo fora formado. Havia sido posto lá pelo próprio gigante Pari Gu, o primeiro ser humano existente. Os seus olhos transformaram-se no Sol e na Lua, o ar que respirava tornou-se o vento e a sua voz o trovão. Do seu sangue formaram-se os rios, passando as suas velas a servir de estradas e caminhos. As suas pulgas deram origem à raça humana.
Um belo dia, a casca do ovo de pedra finalmente quebrou-se e de dentro deste saiu Macaco. Parecia um macaco comum e foi viver para as montanhas, para junto dos outros macacos, mas estes cedo se aperceberam de que ele não era como eles. Todos os macacos são espertos, mas aquele era o mais esperto de todos. Escolheram-no como seu rei.
Agradava a Macaco ser rei e, assim sendo, reinou durante longos e bons anos. Mas após algumas centenas deles (uns falam numa centena, outros insistem nas três centenas), Macaco apercebeu-se de que um dia morreria, pelo que ficou preocupado ao pensar no que os súbditos fariam sem ele para tomar conta dos seus destinos.

Ouvira falar de Buda e aprendera que aqueles que fossem realmente sábios e o seguissem viveriam para sempre.
- Se isso se aplica aos humanos, porque não há-de aplicar-se a mim? intcrrogou-se Macaco, e lá foi ele rumo ao mundo dos humanos, com o intuito de encontrar um mestre que lhe indicasse o caminho para a imortalidade.
Macaco era um bom aluno e aprendia depressa. Após bastantes

anos de formação nos meandros da sabedoria, conseguia já transformar-se naquilo que lhe aprouvesse ou voar pelos céus em cima de uma nuvem. Descobrira também o segredo da vida eterna.
Macaco regressou a casa todo contente, mas cedo descobriu que os outros macacos estavam a viver num estado de medo permanente causado por um monstro horrível que os aterrorizava desde que ele partira. Com os seus novos poderes, Macaco conseguiu derrotar o monstro e os seus seguidores, mas após o confronto tomou consciência de que a tarefa teria sido facilitada se dispusesse de uma arma especial.
Sabia que o rei Dragão do mar Oriental, junto ao qual nascera, guardava um pilar feito de ferro. Com apenas um piscar de olhos, este convertia-se numa agulha pequenina, numa coluna que ia da terra até ao topo dos céus, ou numa vara própria para lutar. Esta seria, sem dúvida, uma arma muito útil... por isso Macaco roubou-a ao dragão, passando então a escondê-la atrás da orelha, para as emergências.
Possuía também um bastão mágico, um grande cacete, que costumava agitar acima da cabeça para assustar os inimigos.
Com a sua sabedoria e poder recém-adquiridos, Macaco sossegou e entregou-se a uma vida pacífica entre os seus súbditos. Um belo dia, no decurso de uma festa, apareceram dois guardas do mundo inferior. A função
destes consistia em guiar as almas para o seu mundo, onde morreriam quando fosse chegada a sua hora.
- Viemos buscar-te - disseram a Macaco.
- Mas eu vou viver para sempre! - protestou ele.
Macaco estava tão furioso que deu um murro no alto da cabeça de cada um dos
Guardas, dirigindo-se de seguida para o mundo inferior, terrivelmente irado. Aí chegado, irrompeu por um dos tribunais e conseguiu consultar o registo dos mortos.
Quando olhou para o livro, apercebeu-se de que os guardas haviam dito a verdade. a morte estava mesmo marcada para aquele dia. A tremer de raiva pegou
num pincel e riscou o nome do registo.

O Senhor do mundo inferior queixou-se ao deus competente, o imperador do Jade. Este último tinha já ouvido queixas acerca do comportamento de macaco feitas pelo rei Dragão; por isso, decidiu que tinha de agir depressa. Sabia bem que havia algo que Macaco queria acima de tudo: ser considerado mportante. Assim, o imperador do Jade ofereceu a Macaco um lugar com um nome todo pomposo, o de «guardião do Cavalo Celestial». Macaco ficou muito orgulhoso, não imaginando que o imperador

apenas oqueria junto de si no céu para poder estar de olho nele. Mas não tardou a aperceber-se da pouca importância da função. Estava já prestes a voltar
A preparar das suas quando lhe foi atribuído um lugar ainda mais bem-soante,
- sábio de todo o céu». Mas, uma vez mais, revelou-se apenas umcargo com um nome pomposo.
Finalmente, foi confiada a Macaco uma missão realmente importante. Foi investido, guardião do Pessegal da Imortalidade, mas esta não foi uma boa ideia, pois tal como o nome sugere, os pêssegos não eram propriamente comuns. Estes frutos eram comidos pelos Imortais para garantir a sua vidaeterna.
Te riam de passar seis mil anos até os pessegos amadurecerem. Depois de serem comidos, era preciso esperar mais seis mil anos até se poder fazer outra colheita de pêssegos bem maduros.
Que mal poderei causar se comer um unico? - disse para si Macaco. Era tão delicioso que logo arrancou outro, e depois outro e mais outro.
Quando Um grupo de jovens espíritos chegou ao pessegal para apanhar osfrutos destinados ao festim dos Imortais, Macaco estava a dormir
profundamente em cima de uma das árvores, a ressonar alto e bom som. Não demorou muito até que os espíritos percebessem o que tinha sucedido, n os pêssegos que faltavam e os caroços espalhados pelo chão, em redor do pessegueiro onde Macaco se encontrava a dormir. Apressaram-se a
fazer queixa a Xiwangmu, a rainha do Oeste, a quem o pomar pertencia.
Quando a rainha soube, ficou tão zangada que decidiu não convidar Macaco para comparecer no festim dos Imortais. Ao saber disto, Macaco decidiu comer a maior parte dos restantes pêssegos, bem como beber o vinho que achara no interior de umas quantas cabaças.
Aquilo que Macaco não sabia era que o vinho era um eliXir da imortalidade, que Lao Zi, o fundador do tauismo, trouxera para o festim. Macaco bebeu-o todo, até à última gota, deixando-se depois cair num sono ainda mais profundo.
Ao acordar, Macaco foi tomado de assalto por um terrível sentimento de culpa. Apressou-se a regressar para a sua casa nas montanhas, entre os demais macacos, na esperança de aí não ser encontrado pelos deuses.
Quando o imperador do Jade soube das coisas imperdoáveis que Macaco uma vez mais fizera, a sua paciência esgotou-se. Enviou um exército de cem mil soldados celestes para o capturar. Travaram-se várias batalhas, mas

quando Macaco foi finalmente capturado e levado ao imperador do Jade não houve maneira de o condenar à morte, pois ele tinha comido tantos pêssegos e bebido tanto elixir que viveria para sempre.
Em vez disso, o imperador do Jade ordenou que Macaco fosse colocado na fornalha de Lao Zi, onde seria derretido e dividido em partes distintas, de modo a que, ainda que estivesse vivo, não pudesse fazer qualquer disparate. Quando, porém, após quarenta e nove dias, as portas da fornalha foram abertas, saltou lá de dentro Macaco a esfregar os olhos.
- Está uma grande fumarada aqui dentro! - comentou, saindo dali disparado e soltando uma gargalhada.
O imperador do Jade estava desesperado. Não haveria maneira de acalmar aquele irrequieto? Decidiu pedir ajuda a Buda.
Este agarrou Macaco pelo cachaço e colocou-o em cima da sua mão.
- Se conseguires saltar para fora da minha mão, Macaco, farei de ti senhor do céu e ocuparás o lugar do imperador do Jade - prometeu Buda.
- Se não conseguires, terás de regressar à terra e trabalhar arduamente para conquistares o direito à vida eterna.
- Muito bem - concordou Macaco, com um sorriso largo na cara.
Deu um salto bem alto no ar e, após uma longa queda, foi parar junto à base de

cinco enormes pilares cuja parte superior, de tão altos que eram, estava envolta numa espécie de nevoeiro.
- Foi fácil! - gabou-se a rir e, depois de arrancar um pêlo, serviu-se dele como pincel para escrever o seu nome na base do pilar do meio.
Quando deu com Buda a olhar para baixo, para si, Macaco foi reclamar o seu direito a governar o ceu.
- Mas nunca chegaste sequer a sair da minha mão - respondeu Buda.
- Saí, pois - insistiu Macaco, indignado, contando depois a Buda acerca dos pilares e do nome escrito num deles.
Então, Buda sorriu.
- Aqueles cinco pilares eram os meus dedos. Olha só!
E, ao observar de perto, Macaco viu o seu nome escrito junto à base do dedo médio de Buda. Suspirou. Tinha finalmente sido derrotado.
Mas as aventuras de Macaco ainda mal tinham começado. Como assistente do monge budista Xuan Zang, não tardou a ser protagonista de uma série de feitos espantosos, relatados num famoso livro do século xvi chamado Viagem ao Oeste. As aventuras de Macaco são ainda hoje das histórias mais populares da China.

INDICE REMISSIVO

Ao, uma tartaruga 39, 40 Ban Hu, um deus cão 21-3 Buda e budismo, 5, 46-47
China, o país 2-3
comunismo 4 confucianismo 4 crenças 4-5 deuses
ver também nomes individuais dos deuses
deus das águas 10 deus dos trovões 7-10
Di Jun, deus do céu do Oriente 13, 16 Di Zang Wang, senhor do mundo inferior 29
Fu Xi,o rapaz da cabaça 7-11
Heng E, mulher de Yi, o Arqueiro 15-17
imperador do Jade 45, 46
Kuang Zi Lian, um mercador e agricultor rico 31-5
Kui, um estudioso feio 37-41
Lao Zi, fundador do tauismo 5, 46 Li Xuan, um dos Oito Imortais 34-35
Macaco, o mais esperto dos primatas
43-7
Mi Hun. Tang, a Poção do Esquecimento 27
mitos budistas 25-29, 43-47 mito confuciano 19-23
mito da transmigração das almas
25-29
mito do Ano do Cão 19-23 mito dos monges 25-29 mito tauista 31-35
nirvana 5
Nu Wa, a rapariga da cabaça 7-11
Oito Imortais 5, 31, 34-35
Pan Gu, o primeiro ser vivo 43 povos chineses 2, 3, 4
rainha Mãe do Oeste, uma deusa 16 Roda da Transmigraçâo 26
religiões 4-5
seda 3
senhor do Céu 10
tauismo 5
Ursa Maior, uma constelação, 41
Wen. Chang, deus da literatura 39,
40-41
Wu, um cortesão de baixa condição enamorado de uma princesa 19-23
Xi He, deusa e esposa de Di Jun. 13-15 Xiwangmu, rainha do Oeste 45 Xuan Zang, monge budista 43, 47 Yang, o Sol, quente e masculino 13, 17 Yan Wang, juiz do primeiro tribunal
do mundo inferior 29 Yao, um imperador 15-16 Yi, o Arqueiro 13, 15-17
Yin, a Lua, fria e feminina 13, 17
Zhao Shen Xiao, um magistrado bom e honesto 32, 34-35
Primeira edição publicada na Grã-Bretanha em 1999 por Belitha

Press Limited, Londres
Copyright neste formato C Belitha Press Ltd 1999
C Belitha Press 1999
Copyright de texto Philip Ardagh 1999 Copyright de ilustração Belitha Press 1999 Copyright Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 2000 para Portugal
Título original: Chinese Myths & Legends Responsável pelo texto: Stephame Bellwood Maquetista: Jarme Asher
Consultora: Ming Wilson Consultora educacional: Liz Bassant
Responsável pela colecção: Mary-Jane Wilkins Tradução: Eugénia Antunes
Impresso e encadernado para Editorial Estampa por Printer Portuguesa
em Fevereiro de 2000
Depósito legal número 146 516/00 ISI3N 972-33-1524-6